

Mulata Famosa da Bahia Colonial

Godofredo Filho

A história social do Recôncavo poderia, em alguns de seus aspectos mais saborosos e específicos do comportamento humano, ser estudada em grande parte nos raros manuscritos ainda existentes em poder de algumas famílias do patriciado rural, como assentamentos particulares de batizados e casamentos, notícias de botadas e festas de engenho, receitas de doces e comidas, notas genealógicas e, acaso, memórias, como é o caso destas, inéditas, que, em parte por artes do Encantado, nos vieram às mãos para uma breve leitura.

Queremos-nos referir às *Memórias de Família* devidas a Dona Anna Ribeiro de Góes Bittencourt, escritora baiana do século XIX, com acervo nada desprezível de romances de fundo moralista, como o *Anjo do Perdão* e *A Filha de Jephse*, e assídua colaboradora do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*.

Memórias desse gênero, haja vista as do velho Félix Cavalcanti, que Gilberto Freyre tão bem comentou, constituem, pela sua linha de franqueza e minúcia de informações transmitidas de modo displicente e desataviado de literatice, subsídios dos mais importantes à evocação do tempo morto, com suas figuras e coisas como em retrato animado.

O interessante é que, nesse tipo de confidência, não só os merecimentos mas as mais graves mazelas de família são às vezes expostos sem eufemismos ou contemporizações, o que lhes vem garantindo, em certos casos, uma ausência de divulgação condizente com circunstâncias de decoro atual da parentela.

Não é este o caso das *Memórias* de Dona Anna Ribeiro, cujas informações hauridas na fonte da tradição oral familiar recompõem

personagens do maior interesse psicológico, e mesmo plástico, exemplares de poder de vontade, luxúria e ganância, dignos daqueles fabulosos homens do pré-renascimento, os que mudaram a face de um mundo formalista, a golpes de audácia e da plenitude de *virtù*.

Porque as linhagens baianas mais conhecidas, as que Jaboação celebrou e Bulcão Sobrinho ultimamente retirou do esquecimento, não valem só pelos feitos ilustres de alguns de seus membros, nas letras, na política, na guerra, mas, até, em certa escala, pelos desvarios de outros, de qualquer sorte habilitados acima do talhe medíocre, e a compensarem os demais que, numa longa e monótona cadeia sucessória, afundaram-se no esquecimento, edemaciados de álcool, entanguidos de preguiça, ou dormitando, nas senzalas, sobre a faixa contraveirada das bastardias.

Algumas das melhores revelações de nossa insigne memorialista, cuja existência transcorreu de 1843 a 1908, lhe foram transmitidas por seu avô, o Capitão Pedro Ribeiro de Araújo, que viveu entre fins do século XVIII e primeira metade do XIX, e que é de supor-se dono de excelente juízo crítico e de razoável senso do pitoresco, tal se depreende da descrição que nos legou, entre outras, do desembarque da Família Real na Bahia, em 1808, debuxando ao vivo os retratos físicos do Príncipe Regente e de alguns nobres de sua comitiva, e sobretudo o da Rainha Dona Maria I, já louca, e a esbofetear, de público e constantemente, damas e açafaras de sua companhia. Nem se lhe há de estranhar, antes de encarcerer, o mostrar-se extremamente curioso do encanto feminino proibido, pois por ele, tão só, é que nos veio o conhecimento dessa baiana de cor morena, cuja fortuna e caprichos emularam os de Chica da Silva, mas uma Chica da Silva incomparavelmente mais perversa, de graça atlântica aprimorada pelas seduções da antiga Capital da Colônia.

Conta-nos Dona Anna Ribeiro que seu citado avô costumava repetir: — "Quatro coisas vi na minha mocidade, que muito me admiravam: — a caridade e generosidade de Cristóvão da Rocha Pitta; a soberba de Felisberto Caldeira; a avareza do senhor da Torre; e o luxo de Rita Cebola".

Do Capitão-mor Cristóvão da Rocha Pitta, dono do Engenho Freguesia, falecido em 1809, sabíamos muito: de suas entradas ao sertão descobrindo minas; de seu prestígio militar; da ação profícua de suas vereanças na câmara da cidade do Salvador; em suma, da grandeza e riqueza de sua casa. Ignorávamos, porém, o teor de sua caridade, o que estas *Memórias* confidenciam sobre sua capacidade de despojar-se repetidas vezes, e não só do supérfluo, para acudir os necessitados que a ele recorriam, a ponto de, certa feita, ficar, com os de seu engenho, sem mantimentos essenciais de subsistência.

De Felisberto Caldeira, conhecíamos o gênio turbulento, que lhe custou a própria vida, assassinado em seu Palácio do Berquó, pela tropa amotinada. Hoje, recebemos novo atestado de seu orgulho, de sua soberba, a explicarem, mais que a trama longínqua da Confederação do Equador, aqueles acontecimentos obscuros de 1825. Ou talvez (e é mais provável) que Pedro Ribeiro se referisse a outro Felisberto Caldeira, o Felisberto Caldeira Brant Pontes Oliveira e Horta, em 1810 já Brigadeiro Inspetor Geral das Reais Tropas e dos Reais Exércitos, logo senhor do Engenho Santana de Ilhéus, que foi de Mem de Sá, e futuramente Visconde e Marquês de Barbacena. Morador em seu palácio dos Barris, a cavaleiro do Dique, onde hospedou Spix e Martius, Felisberto Caldeira Brant deixou

fama de prestígio político e militar, de riqueza e de prosápia.

Quanto ao senhor da Torre, que seria então o mestre-de-campo Garcia d'Ávila Pereira de Aragão, genro do citado Capitão-mor Rocha Pitta, o juízo de Pedro Ribeiro desmente o do linhagista Roque Luiz de Macedo Paes Leme da Câmara, que o descreveu "selvagem na forma exterior, porém ... engraçado no trato geral das gentes e hospitalidades de sua casa ..."

Exsurge, agora, personagem de que jamais ouvimos falar, num tempo sem crônicas mundanas escritas. Consigne-se, conseqüentemente, o crédito da palavra do avô da memorialista, nesse particular, mais que em outros, atento aos naturais anseios de sua mocidade: — "o luxo de Rita Cebola!"

E quem seria essa mulher, cujo brilho mundano tanto impressionara o rapaz afidalgado e bem vivido?

É Dona Anna Ribeiro quem no-la descreve, acentuando o prestígio diabólico e o malefício de seus amores.

Indo o Capitão Pedro Ribeiro por uma certa rua de nossa cidade do Salvador (que interessante lhe soubéssemos o nome), sentiu-se de súbito enlevado por estranho e persistente aroma, talvez o de preciosas resinas queimadas. Pasmou-se, sem nos deixar a mínima suspeita de que por ali já tivesse passado, algum dia, e indagou de alguns moradores ou itinerantes a que atribuí-lo. E lhe foi respondido que os perfumes emanavam da casa de Rita Cebola, que se preparava naquela manhã para ir ao Bonfim, em cumprimento de promessa. Alertado nosso futuro Capitão e fortemente tentado a contemplar a beldade que logo sairia de casa, abrigou-se a portal de loja fronteira e esperou o cortejo, que de fato não demorou. O espetáculo valeu a pena e tão mágico se apresentou, que inseriu-se entre os mais extraordinários que perturbaram a mocidade do narrador.

Rita Cebola, formosa e coberta de jóias, trajando vestido de seda bordado a pérolas, como uma outra Sulamita adiantava-se em passo donairoso, seguida de seus acompanhantes, os fâmulos, os escravos, toda a pequena corte que a servia: eram dez mulheres brancas (a quem Dona Anna recrimina o tanto se rebaixarem por interesse), dez escravas jejes, de camisa rendada, saia e beta, e dez escravos também negros.

Afinal, quem seria mesmo essa diva, com ademanos e serviço de uma princesa? Rita Cebola a que classe pertenceria, que corações dominava, a que prodígio se deveria a ostentação de seu fausto? E da mesma fonte nos vem a revelação de que era *mulata forra*, casada com homem de sua cor, a quem possivelmente matara quando seduzida ou já amante do riquíssimo português Inocêncio Cebola. Este, fascinado pela comborça com quem acabou casando e infernado de ciúmes, a teria envenenado, pois só assim explicavam-lhe os contemporâneos o tormento da morte em condições singulares e o suicídio de Inocêncio, sem ânimo para sobreviver à causa de sua perdição. Outra achega, com que ultimamente deparamos por favor do acaso, ao sabor de leituras não dirigidas, abona insofismavelmente o que então nos comunicou o Capitão Pedro Ribeiro quanto à identidade real de Rita Cebola e de seu famigerado amante. Encontramo-la no teor de uma Representação dirigida, em 1798, à Rainha D. Maria I, contra os Ministros da Relação da Bahia, publicada - no vol. II, págs. 480 e seguintes, dos *Anais do Primeiro Congresso de História da Bahia*, em 1950, e que, na rubrica referente ao Dezbargador José Pedro de Souza da Câmara,

textualmente revela: "— ... Possuído de uma cobiça extraordinária e igualmente aplicado a adquirir amizades, de que possa tirar conveniências, quando sejam de pessoas, que lhe façam desdouro, como é uma mulata riquíssima chamada a Cebola que se diz estar casada ocultamente com o Negociante Inocêncio José da Costa, por cuja mediação se obteve daquele Ministro, ainda as coisas menos praticáveis, em reconhecimento dos importantes donativos com que a dita mulata costuma brindar sua mercê" (Pág. 483). Essa Representação, informada posteriormente pelo Governador da Bahia, D. Fernando José de Portugal, em carta a D. Rodrigo de Souza Coutinho, junta novos dados, e mais explícitos, sobre Inocêncio e Rita Cebola (vol. 2º das *Cartas de Vilhena*, anotadas por Braz do Amaral, 1922, à pág. 372): "— O Dez. José Pedro de Azevedo de Souza da Câmara é dotado de bom talento, muito vivo e sabe bem sua profissão, é despachador expedito, tem bastante amizade com Inocêncio José da Costa bem conhecido nesta cidade e nessa Corte, comerciante abonado e acreditado, Tesoureiro Geral da Junta da Real Fazenda, casado ocultamente como se diz com mulher parda por alcunha a Cebola; porém não me tem sido constante que por esta amizade falte a sua administração da justiça, nem sei eu se por este meio negocia; pode ser que particularmente assim aconteça, o que é dificultoso saber-se..." Aí temos a curiosa destrição.

E o perfil de nossa beldade? Qual sua imagem física mais aproximada? Como revivê-la ou imaginá-la na sinuosidade do corpo, na maciez penugenta do rosto, nos requebros gentis, na graça esquivada da andadura? Será que, para fortuna de curiosos, restou algum documento iconográfico que autentique a formosura ou atração lasciva de tão celebrada mulher? Ao certo, queremos crer que nenhum, salvo se enveredarmos pelo caminho de evidências conjecturais, e uma delas a merecer exame, quando indicia a possibilidade de um retrato de Rita feito por artista hoje notado e quiçá notável. É que, dentre os desenhos e aquarelas que o pintor inglês Augustus Earle deixou sobre o Brasil, que visitou por duas vezes, entre 1820 e 1824, e ainda em 1832, aparece uma figura de negra ou mestiça, a que corresponde a seguinte legenda epigráfica:— "Rita, decantada beleza negra no Rio de Janeiro".

Como o jovem Earle passou por Salvador na vigência de Rita ou da memória recente de seu império sensual, é de supor que a ela dedicasse o seu lápis, ou porque a tivesse conhecido pessoalmente e a diva pousasse para o *croquis* ou porque, através de informes colhidos e excitado pela fama de tão singular personagem, o tentasse a oportunidade de retratá-la, ao menos póstuma ou supositivamente.

Vários óbices, porém, se levantam quanto à autenticidade de um tal retrato: desconexão entre as datas de viagens do pintor ao Brasil e o período de vida ou atuação da Cebola; legenda, atinente a "beleza negra no Rio de Janeiro", quando nossa protagonista, sobre baianíssima, era tão só mulata; expressão, registrada em Catálogo, "preta langorosa e jovem", quando a efigie apresentada por Earle nos revela mulher madura, entre quarenta e cinquenta anos, e realmente mais preta que mestiça.

A favor do presumido, isto é, de que a Rita do Rio fosse a mesma da Bahia, militam outras razões, que aduziremos: o prenome, idêntico em ambas; a fama, "decantada beleza negra", passível de enlevar os amantes do exótico e viajar a outras cidades do País, de uma dama ou combrança rica e poderosa, dona de irresistível sedução a irradiar-se dos olhos obliquados,

da boca entreaberta mal disfarçando o ofego dos seios, e dos longos e finos dedos feitos para o quebranto dos cafunés ou a perdição de carícias *à rebours*. Nesse caso, o engano quanto à naturalidade de Rita teria sido proposital, acaso para não quebrar conveniências, ou só explicável por eventual esquecimento ou pressa nas anotações do viajante, a quem pouco devesse importar se uma parda da costa brasileira fosse filha da Bahia, do Rio, do Recife, ou vinda de alhures.

De qualquer sorte, interessa elucidar de que família sudanesa descendia a beldade retratada, a qual das muitas ramificações do mosaico racial do vale do Nilo ou do Este africano. Embora vestida ao gosto do 1º Império, sua cabeça, em que pese o penteado europeizado, alonga-se como a das mulheres *makeres*, famosas por sua sensualidade e encanto peculiares.

Convirá, pois, para ajuizamento do que ficou sugerido, que os interessados procurem, como nós, conhecer o documentado estudo de David James — "Um pintor inglês no Brasil do 1º Reinado" — publicado no vol. 12 da *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio, 1955, págs. 151 a 169.

O que vale é o privilégio de trazeremos, de primeira mão, à galeria das mulheres baianas mais famosas, essa figura longínqua e atormentada pelo amor pecaminoso e pela tragédia da morte, figura que, como a daquele Capitão que a descreveu, perturba e paradoxalmente seduz à distância de quase duzentos anos.

A crônica oral e galante das duas primeiras décadas deste século também recorda outras notáveis mulatas da Bahia, de cabeça e sandálias brancas pontudas, como a Rosa Palmeirão (ou Paul Néron) do Sodré, que fez a ruína de negociantes prósperos e de tantos bacharéis emproados. Há sessenta anos idos, lembramo-nos de tê-la conhecido e nos saudávamos até, pois que, filha de Feira de Santana, éramos conterrâneos e Rosa se dava, de antiga dependência servil, com parentes meus. A imagem que dela conservamos é a de uma rapariga alta e discreta de carnes, a tez extremamente pálida e os olhos excessivamente pretos, cabelos crespos mal repontando do torso alvíssimo, em caracóis quase imperceptíveis a fugirem das têmporas e da nuca. A visão aliciante que só de longe nos era possível contemplar e tanto conturbou o tímido adolescente de então, atado a um sólido feixe de conceitos e preconceitos, transmitia a impressão de uma doçura que mal se poderia coadunar com a sua apregoada valentia, nem com a reputação de seus amores múltiplos, que iam desde a iniciação lésbica ao furor vesânico com que enleava e as mais das vezes perdia seus ricos e numerosos amantes. Ah, Rosa Palmeirão!

Em não poucas dessas raparigas (e uma, célebre, assassinada, na década de dez, pelo chofer Zigomar), o signo prevalece, da tragédia, mesmo quando musas de amores falazes. Mas não será a ocasião de ressurgir-las, nem às de persistente ternura, como aquela cujo prenome batismal calamos, trigueira de olhos verdes a iluminarem, em noites indormidas e furtivas, os passos e as letras epistolares de um dos maiores e mais controversos políticos de nossa província, igualmente cientista, professor, orador insigne, fundador de institutos que perduram: a Belinha, de Arlindo Fragoso.

Entretanto, estas últimas, de nomes brasileiros tão gostosos e claro que grandes mulatas baianas, sobre serem quase de nossos dias, refogem ao objetivo precípua da presente memória.

Baste-nos, no ensejo, Rita Cebola, o apelido prosaico e culinário a contrastar com a evocação que lhe fizemos, do corpo moído ondulando entre terças de ouro, os diamantes, as sedas e os perfumes do Oriente.

Bahia, 1980.

SUMMARY

Godofredo Filho, one of the most known bahian contemporary poets, extracted from the Family Memories of the bahian writer Anna Ribeiro de Goes Bittencourt, from the XIXth century, interesting informations about a feminine character of bahian past, the mulatto woman Rita Cebola.

Rita Cebola appears, at the description made of her by the documents and the essay of Godofredo Filho, as a historical sign of the feature of bahian people, mainly from the women of Bahia in the shape that nowadays increases popularity, and that the writers from Bahia made internationally known.

RÉSUMÉ

Godofredo Filho, un des plus connus poètes bahiannais contemporains a extrait, des Mémoires de Famille de l'écrivaine bahiannaise Anna Ribeiro de Goes Bittencourt, du XIX^{ème} siècle, des informations intéressantes sur une caractere féminin du passé bahiannais, la mulâtre Rita Cebola.

Rita Cebola apparaît dans la description que est fait d'elle par les documents et l'essai de Godofredo Filho, comme un signal historique du caractere du peuple bahiannais particulièrement des femmes de Bahia, dans la forme que croit importance aujourd'hui en tout le pays et que les hommes des lettres de Bahia ont fait internationalement connu.